

LIANA RODRIGUES NETTO

**A DIMENSÃO DO CORPO NA ESTRUTURAÇÃO
SIMBÓLICA DA PERSONALIDADE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO
DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM
PSICOTERAPIA ANALÍTICA DO
INSTITUTO JUNGUIANO DA BAHIA E
FUNDAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO
DAS CIÊNCIAS**

BAHIA-1999

Dedico este trabalho à minha família, com muita gratidão pelo que sei e pelo que sou.

APRESENTAÇÃO:

A proposta deste trabalho é focar o conceito de corpo como símbolo estruturante do Desenvolvimento da Personalidade, compreendida como sendo um processo dinâmico e criativo do Self.

Nossa saga tem como personagem principal o Ego-Herói em sua relação com o Arquétipo Central e se desenrola no período abrangido pela vida humana, inscrita – e aqui descrita – através da sucedânea de padrões arquetípicos evolutivos, inspirados e coordenados pela ação do Self.

Para discorrer sobre tal epopéia, apoiamo-nos em dois grandes momentos: a libertação do ego frente ao inconsciente coletivo, ou O INDIVIDUALIZAR-SE (saindo da Uroboros e percorrendo os ciclos parentais arquetípicos do desenvolvimento) e a libertação do consciente coletivo, ou O INDIVIDUAR-SE (através dos padrões pós-parentais da Alteridade e Cósmico).

SUMÁRIO:

	PÁG.
INTRODUÇÃO: O Homem-Herói	05
CAPÍTULO I: O Corpo como veículo simbólico	12
CAPÍTULO II: O Desenvolvimento da Personalidade nos Ciclos Arquetípicos	
Iª PARTE: O Individualizar-se	
1. A Uroboros (No Princípio não era o Verbo)	17
2. O Dinamismo Matriarcal	20
3. O Dinamismo Patriarcal	23
IIª PARTE: O Individuar-se	
1. O Dinamismo da Alteridade	27
- Trabalhando o corpo na Alteridade	30
2. O Dinamismo Cósmico.....	34
Conclusão	37
Referências Bibliográficas	39
Bibliografia Complementar	40

INTRODUÇÃO:
O HOMEM-HERÓI

“Vem por aqui!” dizem-me alguns
com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que os ouvisse
Quando me dizem: “Vem por aqui!”
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há nos meus olhos ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...
(...) Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se às coisas que eu pergunto (em vão)
ninguém responde
Por que me dizeis vós: “Vem por aqui!”?
Prefiro escorregar nos becos lamentos,
Redemoinhos aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...
Se vim ao mundo foi
Só para deflorar florestas virgens
E desenhar meus próprios pés
Na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada
Como, pois, sereis vós
Que me dareis machados, ferramentas,
e coragem
Para eu derrotar meus obstáculos?
Corre nas nossas veias sangue velho dos avós
E vós amais o que é fácil...
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os Abismos, as Torrentes, os Desertos...
Ide! Tendes estradas,
tendes jardins, tendes canteiros,
tendes pátrias, tendes tetos,

E tendes livros e tratados, e filósofos e sábios.
Eu tenho a minha loucura:
Levanto-a como um facho,
a arder na noite escura.
E sinto espuma e sangue e cânticos nos lábios...
Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém!
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe:
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo
Ah! que ninguém me dê piedosas intenções.
Ninguém me peça definições.
Ninguém me diga: “Vem por aqui!”
A minha vida é um vendaval que se soltou
É uma onda que se alevantou
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou.
Não sei para onde vou.
- Sei que não vou por aí!
(Cântico Negro – José Régio)

Arriscar-se é necessário para a auto-realização do ser humano, fundamental para ultrapassar seus limites e sua inércia e assim tornar-se herói do drama de sua vida.

A personalidade é uma grande obra que vamos realizando ao longo da nossa existência e que nos exige a máxima coragem, liberdade de decisão, apurada percepção do que trazemos de mais singular em adaptação a tudo o que existe de universal... e nunca fica pronta a nossa edição convincente.

Só há vida quando há movimento. Só há evolução se nos permitimos abandonar o conhecido e cômodo em busca do desconhecido – das circunstâncias e de nós mesmos – e encontrar, neste movimento contínuo, o sentido da vida: processo, transformação, reticências... (nunca ponto final).

Começamos nossa vida como heróis: num passo de fé – sem retorno – abandonamos as certezas, garantias, confortos e proteção e transpomos um limiar sagrado: NASCENDO para a Luz e para o Livre-arbítrio, o homem recebe, assim, a VIDA como sua grande recompensa.

Entre esse instante e a morte há a VIDA inteira, um tempo disponível em que esse ato de fé pode e deve ser renovado, no encantador e arriscado exercício da individuação.

O desenvolvimento de nossa totalidade psíquica – a personalidade – não é, portanto, restrita a uma fase da vida. Ela é, neste sentido, um ideal inatingível pois representa, sempre, apenas

uma parte manifesta da totalidade perfeita e organizadora que é o Self. A evolução do ego é a evolução daquele aspecto do Self que se manifesta no tempo e no espaço. A finalidade dessa evolução psíquica é a separação e a diferenciação do todo, que traz para o Self a possibilidade de perceber-se cada vez mais. Em outras palavras, o Self torna-se consciente de si mesmo através de nós: dos nossos olhos e do nosso discernimento; o Seu desenvolvimento inclui a adaptação ao mundo e a modificação inteligente deste operando, ao mesmo tempo, uma diferenciação progressiva da consciência através de padrões arquetípicos. Assim, ao falarmos em estágios de desenvolvimento da consciência, nos remetemos aos seus estágios arquetípicos, a fim de compreender como ocorre o desenvolvimento da personalidade em seu caráter histórico e evolutivo.

O inconsciente coletivo é a origem e a fonte de tudo o que se relaciona com o ego e com a consciência, o local onde estes têm sua raiz e nutrição e sem o qual não podem existir. Conforme Jung (1984), por mais que nos diferenciemos enquanto indivíduos, a nível inconsciente, nas camadas psíquicas profundas, permanecemos bastante semelhantes.

Por outro lado, criar uma identidade, tornar-se personalidade, requer, antes de tudo, tornar-se singular e diferenciado; ser fiel ao seu próprio caminho, erigindo suas próprias leis, através de decisões conscientes e éticas, centradas no juízo e na orientação interior. Isso não é prerrogativa exclusiva de alguns privilegiados mas, como se pode perceber, a condição mínima para alcançá-la é a capacidade de gestar em cada passo esse caminho íntimo e único, que afasta o homem das convenções e necessidades coletivas. E nem todos têm tamanha maturidade e coragem.

A *força* para tal ação provém tanto da necessidade quanto da decisão moral. Sem a urgência trazida pela necessidade, não temos a tensão necessária ao ser humano para ser impelido em direção a uma situação mais completa (o que acabaria sendo mais uma disposição de humor caprichosa do que uma real ação evolutiva). Sem a decisão moral, não teremos a capacidade de assumir as conseqüências últimas de nossas escolhas. Ainda que tenhamos ambas, correremos o risco de nos aprisionarmos por entre as malhas das convenções coletivas.

O que vai mesmo trazer o impulso inexorável a favor de algo fora do comum é o que Jung denominou DESIGNAÇÃO:

“Um fator irracional, traçado pelo destino, que impele a emancipar-se da massa gregária (...). Esta designação age como se fosse uma lei de Deus, da qual não é possível esquivar-se. O fato de muitíssimos perecerem, ao seguir seu caminho próprio, não significa nada para aquele que tem designação. Ele deve obedecer à sua própria lei como se um demônio lhe insuflasse caminhos novos e estranhos. Quem tem designação escuta a voz do seu íntimo, está designado” (JUNG, 1986).

Para Campbell, esse é o CHAMADO INTERIOR PARA A AVENTURA, que impele o herói a reformular seus valores e sua vida.

Nas pequenas personalidades, a voz do demônio interior se torna mais fraca, confusa e inconsciente, até confundir-se com a voz da sociedade, privando-se de sua singularidade ao dissipar-se no todo. A voz interior é então substituída pela voz do grupo social e de suas convenções, enquanto que as necessidades da coletividade sobrepujam as da Designação.

A história da humanidade requer, entretanto, que os conteúdos transpessoais e coletivos sejam experimentados como conteúdos da PSIQUE HUMANA, para que possam sair de sua dormência inconsciente. Por isso a relação entre o ego e o inconsciente é tão fundamental e urgente para o destino do indivíduo quanto o é para a espécie humana.

“Assim como uma grande personalidade atua na sociedade liberando, salvando, modificando e curando, da mesma forma o surgimento da própria personalidade tem ação curativa sobre o indivíduo” (JUNG, 1986).

Na evolução da filogênese humana, percebemos que o desenvolvimento de habilidades e instrumentos aceleraram o nosso processo de mutação-evolução até então determinado unicamente pela natureza ao longo de um grande espaço de tempo; isto propiciou o desenvolvimento de um tipo unicamente humano de consciência: a AUTO-CONSCIÊNCIA ou o nascimento da vida espiritual.

Esta transformação é acompanhada por uma mudança corporal única, que é a capacidade de locomover-se em dois pés, liberando as mãos para serem instrumentos totipotentes e ELEVANDO SUA COLUNA AOS CÉUS, ligando o mundo celeste com o mundo telúrico. Nessa mudança de postura se inscreve a mensagem de que todos nós somos potencialmente heróis, pois carregamos em nosso corpo a Cruz do Redentor. Diversas tradições espirituais utilizam essa imagem como símbolo da iniciação, considerando a COLUNA (como o nome indica) o suporte da ascensão da energia vital – terrestre – aos centros superiores.

Deixando de ser puramente prático e detido na manutenção de sua subsistência, este ser fomenta uma fome diferente, uma NECESSIDADE a que os animais são inteiramente alheios, que é a necessidade insaciável de Transcendência. Dessa forma, a natureza usa o homem para conhecer a si mesma. Eis a grande Missão da Raça Humana. Era preciso que alguém

“se desse conta de que este mundo maravilhoso, com montanhas, oceanos, sóis e lua, galáxias e nebulosas, plantas e animais, EXISTE” (JUNG, 1984).

Todos os outros animais habitam e desfrutam desse mundo sem consciência de sua própria presença e finitude. Os pássaros não se encantam pela possibilidade de voar porque não se apercebem que o fazem, ou mesmo o que significaria deixar de fazê-lo. Os peixes não se regozijam pela translucidez da água nem pela fluidez dos seus movimentos porque não se percebem como diferentes do meio. Todos os seres gozam do paraíso de viverem o eterno presente, sem consciência de qualquer continuidade posterior de si mesmos ou do universo.

Nós, seres humanos, perdemos essa inocência paradisíaca quando “abrimos os olhos para o conhecimento do bem e do mal” ou seja, para a natureza dual de tudo o que é manifesto, perdendo a “felicidade” da ignorância. Eis porque, desde o início dos tempos, o desenvolvimento da personalidade é metaforizado pelo Mito do Herói; o Herói, conforme relata Junito Brandão (1997) é o intermediário entre os Deuses (mundo numinoso, arquétipos) e os homens (ego-consciência). Ele é a representação arquetípica da potencialidade inerente à psique humana: a aquisição da consciência, e seu nascimento costuma coincidir com o nascer do sol, uma vez que essa aquisição é também uma iluminação.

Tudo o que há no inconsciente procura a manifestação exterior, assim como uma semente plantada na terra quer nascer em direção à luz. Não resta pois ao homem muita escolha, senão a de expressar-se por meio de um indivíduo singular, único e, portanto, limitado (em sua forma individual, ele é necessariamente mera fração da imagem total do Homem); devemos procurar ser a melhor pessoa que nos cabe, a cada momento, mas cientes de que a Totalidade Una não está senão na junção das tantas infinitas partes do quebra-cabeça Divino velado no interior de *cada* homem.

O Homem-Herói enfrenta essas tarefas constantemente, refazendo-as dia após dia, afinal de contas o perfeito, do ponto de vista humano, é aquilo que se perfaz, pois se está vivo, está inacabado; o movimento é infinito, espiralado, que intenta alcançar a cada volta um nível maior de complexidade e elaboração, na sua luta por diferenciar-se do Self e conquistar a consciência. Os diversos padrões arquetípicos por que passa se incorporam e se tornam visíveis ao mundo através do nosso corpo – nosso texto mais concreto, a forma tridimensional através da qual o espírito se reconhece em sua caminhada evolutiva.

O corpo é a base da nossa identidade, uma vez que nos vemos como indivíduos quando reconhecemo-nos num corpo distinto dos demais, através do qual percebemos e nos relacionamos com o mundo. É ao mesmo tempo o que nos limita e o que nos possibilita ser real.

A energia psíquica é como o Sopro ou o vento, a parte da natureza que imprime um movimento, modela uma forma, mas que por si só é invisível. O corpo é como a areia, a parte densa da natureza que nos informa a direção, a intensidade e o modo como o vento está soprando.

Não há porque separá-los, uma vez que o corpo registra e relata a todos as histórias vividas. Também não há uma lei de causa e efeito, mas uma ressonância, uma sincronicidade entre essas instâncias.

Nossa evolução interior modela nosso corpo e, da mesma forma, as qualidades de nossos movimentos, a temperatura, os cheiros, a umidade e cor da pele, o tônus muscular, delatam as condições da energia psíquica naquele exato momento.

A passagem do Self inconsciente para o eu particular pode ser lida no corpo, assim como o estabelecimento do retorno do eu para o Self pode ser ocasionado ou disparado por um “Chamado à Aventura” corporal. Muitas vezes uma crise, ou doença, pode ajudar-nos a mudar nossa rota para uma jornada mais íntegra, reclamando ou trazendo à consciência aquilo de que sofre a Totalidade. Se o íntimo for incapaz de compreender esse chamado, julga-o como mau e se protege de sua aproximação.

“Se a pessoa não sucumbe, nem ao menos parcialmente, então nada desse mal aparente nela penetra, mas também não poderá haver nenhuma renovação ou cura” (JUNG, 1986).

Os perigos diante dessas crises, denominados por Grof “EMERGÊNCIAS ESPIRITUAIS” são reais; porém tanto quanto os perigos, o são também as oportunidades de maior integração e integridade – pois quem não ousa perder a própria vida, também não será digno de ganhá-la.

Vida e Morte, perigos e doenças afligem nosso corpo físico. É com esta instância de finitude que se ocupam nossos temores, pois dela provém nossos limites e necessidades, sendo portanto, a maior de nossas mestras.

No desenvolvimento da personalidade os conhecimentos adquiridos ou integrados acerca do mundo que nos circunda e que nos permeia não são a matéria-prima, mas apenas

instrumentos que esculpem a pedra bruta que somos, metaforizada no corpo que encarnamos; a pedra em si JÁ É o brilhante, se soubermos retirar-lhe o supérfluo e conectar com o essencial.

No amanhecer da vida, temos o corpo e a cara que Deus nos deu. Mas no entardecer, temos o corpo e a cara que nós mesmos construímos com nossas escolhas. Somos nosso laboratório e livro de estudos. Como diz Leloup (1998)

“basta ir ‘virando as páginas’ até encontrar o Autor”.

Ao chegar no fim da caminhada, um olhar de soslaio nos fará pensar: “Dei a minha vida para me tornar quem sou. Valeu à pena?”.

CAPÍTULO I: O CORPO COMO VEÍCULO SIMBÓLICO

“Não existe senão um único templo no Universo: este é o corpo do homem; nada é mais sagrado do que esta elevada forma; curvar-se diante do homem é um ato de reverência feito diante dessa revelação da carne; tocamos o céu quando colocamos nossas mãos num corpo humano”.

Novalis

Nos sistemas funcionais humanos (biológicos e instintivos) está investida uma grande quantidade de libido que sustenta o curso natural da vida, e que por isso permanece inconsciente. Parte dessa energia, entretanto, é desviada e canalizada para que possamos conviver em comunidade e trilhar o processo de individuação.

Se deixássemos as funções instintivas seguirem o curso regular, de acordo com as leis da natureza, seríamos puramente animais, o que não é suficiente para a natureza humana. A criança que nasce já traz dentro de si um enorme conflito: por um lado é um ser biológico, instintivo, e por outro é a corporificação final de uma soma antiga e intrincada de fatores hereditários (arquetipos) - legados de nossos ancestrais no desenvolvimento da espécie - existentes como possibilidades ou fôrmas de idéias tão reais quanto os gens herdados da linhagem familiar.

Assim, na alma da criança a condição “natural” já se acha confrontada por uma condição “espiritual” (transcendente), que aparece na psique como uma paixão ou “fogo devorador” segundo Nietzsche, tamanha a força com que se opõe à mera instintividade.

Essa contradição é expressão e raiz de uma grande tensão entre opostos. Para dar conta dessa tensão e equilibrar a intervenção dos pares de opostos que abriga em si, a psique constrói a consciência como um “fiel da balança”. Sendo eminentemente simbólica, a consciência deve aprender a administrar os conflitos intra e inter-psíquicos, mantendo o fluxo da vida com saúde.

O símbolo desempenha um papel fundamental nessa administração, uma vez que aglutina e constela energia psíquica consciente e inconsciente, sendo muitas vezes a melhor expressão possível para algo desconhecido, por ter uma multiplicidade de sentidos, unindo assim opostos complementares num movimento de tese, antítese e síntese que dissolve tensões e atinge a consciência; de síntese em síntese ele mobiliza e redistribui a libido a fim de torná-la útil, enriquecendo o eu com conteúdos inconscientes.

Os *símbolos* do inconsciente coletivo vêm estruturando a consciência coletiva através dos *arquétipos*; estes são universais, imutáveis e invisíveis, pois são potencialidades ou inspiração, enquanto aqueles são os mesmos arquétipos porém dentro de uma biografia, preenchidos pelo tempo e pela história.

A psique é como uma semente, que aproveita a terra, a chuva, o vento, os insetos, enfim tudo o que lhe acontece de “bom” ou “mau” para formar a árvore já latente nos seus gens. A energia psíquica, com todo o potencial arquetípico, está para a semente assim como o corpo está para a árvore. O corpo é o veículo de expressão simbólica do homem, instrumento que possibilita o inconsciente manifestar-se e promover uma intervenção na realidade concreta, atualizando-o sempre perante a consciência.

“O corpo é o inconsciente visível”

já afirmava Wilhelm Reich (1972).

Quando percebemos que somos um corpo e que qualquer coisa a ser experimentada tem de ser “INCORPORADA”, começamos a nossa Saga. O corpo nos dá a dimensão de que realmente estamos sós, habitantes responsáveis por este espaço e suas escolhas. É nosso instrumento de auto-conhecimento, que comprova nossa presença no plano físico, sujeito à constrição do tempo, do espaço, da sombra. O espírito desencarnado não tem sombra – não está radicado no aqui/agora, nem

no devir. Por trazer a sombra, o corpo contém a essência do que é estar vivo e ser uma parte única do todo, preche de significados.

Ao entrar na consciência, o símbolo pode trazer algo novo e produzir uma desarrumação na ordem vigente. Por isso o novo, apesar de necessário e criativo, sempre incomoda e gera ansiedade.

Assim é a função do corpo simbólico, com suas múltiplas partes integrantes e comunicantes, tantas inconscientes e automatizadas: um grande trampolim para o mergulho no desconhecido, que nos ajuda a fazer da existência uma criação permanente.

Muitas vezes os acontecimentos vividos nos deixam marcas profundas, que o corpo nem esquece, nem mente – registra dentro de sua linguagem, de forma indiscriminada à consciência. Em circunstâncias comuns, as pessoas não prestam atenção a essa linguagem, às suas sensações corporais; a urgência da dor nos faz sair do automatismo e desenvolver aspectos potencialmente criativos.

Portanto em algum momento certamente todo o conteúdo arquivado virá à tona, uma vez que tudo o que existe no inconsciente procura a manifestação exterior. E se nos tornamos por demais surdos à voz do corpo, podemos pensar que ele, neste momento crítico, nos traiu ou pregou uma peça – mas regido pela orientação do Self, diante de uma perspectiva de totalidade, o corpo só nos está corrigindo do desvio tomado unilateralmente, e para isso “modula sua voz” com a força necessária para corrigir o tamanho de nossa surdez.

Todas as partes do corpo desempenham, em algum momento da vida, a função de Símbolo Estruturante do Desenvolvimento Psíquico e a qualquer momento pode se tornar símbolo estruturante do processo normal de desenvolvimento, com todos os seus percalços, sem implicar de forma alguma em patologia.

“Todo médico deveria conhecer o simbolismo do corpo e a sua capacidade de expressão simbólica pelo sofrimento de um órgão. Se alguém é agredido e reclama, ninguém vai achar que está doente. Por que então não reconhecemos as reclamações simbólicas e viscerais e buscamos os fatores existenciais que estão expressando?” (Byington, 1983).

Devido ao fato de a discriminação simbólica ser permanente mesmo diante de símbolos que já foram elaborados, a estruturação da consciência e da identidade psico-corporal nunca cessa, pelo contrário: é tanto mais rica quanto mais símbolos (em intensidade, variedade e qualidade) com prioridade de elaboração contemplar.

A patologia psicológica é formada pelos símbolos impossibilitados de expressarem-se pela luz normal da consciência ou pela sombra normal, evocando defesas neuróticas, psicopáticas ou psicóticas, também inscritas no corpo. Nesta dimensão, a indiscriminação poderá ser apenas uma expressão simbólica do corpo, ou uma somatização – caso haja defesas à volta do conteúdo simbólico.

A estruturação simbólica da consciência se faz através do eixo Ego-Self, percorrendo quatro ciclos arquetípicos evolutivos, conforme enuncia Carlos Byington (1987), cujo aparecimento é sucessivo, mas cuja função estruturante, mesmo depois de passado o período de sua dominância, continua atuante durante toda a vida.

A patologia e o desenvolvimento normal fazem parte desse processo, e devem ser compreendidos sob o prisma do eixo Ego-Self. De qualquer forma, são sempre um alerta para utilizarmos melhor nosso instrumento de evolução; percebemos através de nosso corpo, e através de nossa percepção criamos nosso mundo. Se percebemos melhor, temos mais condições de criar um mundo melhor.

CAPÍTULO II:
O Desenvolvimento da Personalidade
nos Ciclos Arquetípicos

Iª PARTE: O Individualizar-se

1. A Uroboros (No Princípio não era o Verbo)
2. O Dinamismo Matriarcal
3. O Dinamismo Patriarcal

IIª PARTE: O Individuar-se

1. O Dinamismo da Alteridade
 - Trabalhando o corpo na Alteridade
2. O Dinamismo Cósmico

CAPÍTULO II I^a PARTE

1. A UROBOROS (NO PRINCÍPIO NÃO ERA O VERBO)

“Havia algo sem forma, porém completo
Existente antes do céu e da Terra
Sem som, sem substância
De modo dependente, imutável,
Impregnando tudo, inquebrantável
Pode-se considerá-lo a mãe de todas
as coisas sob o céu” Lao-tsé

Os seres humanos nascem cedo demais, com uma tamanha imaturidade física e comportamental não observada em nenhum outro mamífero. A questão é que chegamos ao final da gestação com um volume corporal – especialmente encefálico – muito grande para passar pela pelvis estreita da mãe humana, drasticamente reorganizada para a postura ereta.

A sobrevivência do feto e da mãe e, portanto, a sobrevivência do homem enquanto espécie, exigiram o término da gestação intra-uterina para dar início a uma gestação extra-uterina, quando se completa a maturação fetal.

A unidade biológica e o relacionamento simbiótico não cessam pois com o nascimento, mas tornam-se mais complexos e funcionais em vistas ao novo estágio de desenvolvimento. Além de ter sido equipada pela natureza para prover seu bebê de todas as necessidades básicas, a mãe tem suas próprias necessidades (fisiológicas e psicológicas) complementares às do seu filho (por exemplo, ao amamentar no pós-parto, a mãe expulsa a placenta e estanca o sangramento com mais brevidade, ao mesmo tempo em que oferece o insuperável colostro; quanto mais o bebê mama, tanto mais leite a mãe produz e durante esse período a mulher tende a não ovular nem menstruar, evitando dispersão ou perda de energia; psicologicamente ela necessita de tanta proximidade e contato quanto seu próprio filho).

As comunicações estabelecidas neste período são exclusivamente via pele, corpo, sentidos e instintos, que nos fornecem não um *modelo* de comportamento, mas uma *possibilidade* de aprendizagem. Assim, dentro dessa simbiose, o bebê aprende a SER HUMANO, pois que sua natureza é essencialmente social. Ele precisa de relação e contato com outro corpo tanto quanto de alimento, e a mãe, representante do Mundo, irá nutrir a criança de valores sociais, culturais e pessoais; mais do que aquilo que diz ou aquilo que faz, ela influencia o bebê com aquilo que É, uma vez que o nascimento meramente físico não separou o bebê, ainda indiferenciado enquanto indivíduo, do inconsciente dos pais.

Este estágio de completa fusão eu-tu/mundo dura mais ou menos 3 meses e é chamado por Neumann de Uroboros ou Pleroma. Nesta fase, a semente do ego está contida no inconsciente, assim como o embrião no útero, mas o ego ainda não surgiu como um complexo consciente e portanto não há tensão entre este e a inconsciência.

Tal existência se combina com a ausência de sofrimento, pois tudo flui por si sem necessidade de uma intervenção pessoal. Envolto e sustentado pela Grande Mãe ele é entregue a ela para o “bem” ou para o “mal”, estando, entretanto, todas as características materiais positivas em evidência neste estado de ego insipiente, que cansa-se com facilidade e dorme a maior parte do tempo.

Uroboros é o símbolo da serpente alquímica circular que engole a própria cauda, não criando cisão ou oposição, mas continuidade. O círculo é um dos símbolos de perfeição, pois não tem princípio nem fim, em cima ou embaixo – é o estado perfeito onde as polaridades coexistem. O próprio Deus foi descrito pelo místico Nicolau de Cusa como “um círculo, cujo centro está em todas as partes e cuja circunferência em lugar nenhum”.

No princípio está a totalidade, cuja perfeição original só é possível descrever simbolicamente; a sua natureza desafia toda descrição não-mítica pois aquilo que está sendo descrito, ou seja, o princípio que antecede o ego, é de uma grandeza incomensuravelmente maior que a do ego – que tenta capturar conceitualmente *a posteriori* o seu objeto como um conteúdo de consciência.

O Símbolo serve então de intermediário por conter múltiplas dimensões, como um elemento vivo e numinoso, que concerne ao ego limitado a possibilidade de relacionar-se com aquilo que não lhe cabe ou não lhe é dado saber, mas que pressente. Por isso Neumann (1990) destaca que

“os relatos mitológicos do princípio devem começar invariavelmente com o mundo externo, porque o mundo e a psique são ainda um só. Não há ainda um ego reflexivo e auto-consciente capaz de remeter tudo a si mesmo, isto é, de refletir. A psique é idêntica e indistinta do mundo”

e contém uma força de inércia que lhe chama a recair na condição de indiscriminação, pois esta é o seu estado básico e natural. Há entretanto uma outra força que se opõe a este estado de beatitude e que instiga o ego a dele sair voluntariamente a fim de criar uma consciência orientadora e individualizada.

Já se observa desde cedo a existência de um centro regulador da totalidade orgânica da criança, denominada por Neumann de “Self corporal”. Sem a possibilidade de comunicação racional, a comunicação da criança se dá toda via corpo que, em contato com o mundo através dos seus sentidos, orienta a formulação da primeira noção de identidade; inicialmente uma identidade concreta, que estabelece limites entre eu e não-eu, em cima e embaixo, dentro e fora, e que evolui posteriormente para uma identidade simbólica. O ego é a expressão psicológica da combinação de todas as experiências e sensações corporais, que começa a ser formada junto com a possibilidade de simbolização.

Sendo o corpo a identidade mais concreta, é justamente através de suas vivências de dor e desconforto (alarmes indicativos de uma perturbação do equilíbrio paradisíaco do inconsciente) que o ego é formado. Nascente, ele toma consciência dessas qualidades polares (prazer-desprazer, necessidades-saciedade, desconforto-bem-estar...) e, em consequência, o mundo se torna ambivalente.

Uma vez que o ego se estabeleça por vontade própria como o centro organizador da consciência, a simbiose original é desfeita. Essa nova atitude diante do mundo e do inconsciente faz com que a mesma figura materna, antes protetora, se faça agora sufocante. Seu aspecto devorador e destrutivo é visto, figurativamente, como a “Mãe Má” (do ponto de vista, naturalmente, do ego, mas não da Totalidade). É preciso um Ego Heróico com vontade e determinação para se desprender do grande abraço maternal.

A Uroboros materna amorfa é então sucedida pela figura da Grande Mãe e, juntamente com o desenvolvimento da consciência, ocorre uma graduação hierárquica no próprio inconsciente coletivo.

2. DINAMISMO MatriARCAL

“O mundo inteiro à minha volta estava quieto em sua condição primordial. Não sabia que É. E então, naquele momento em que comecei a saber, o mundo ganhou existência; sem aquele momento, ele jamais teria sido” JUNG

Este é o estágio mais arcaico de consciência, regido pelo arquétipo da Grande Mãe e orientado pela sensualidade, pelos princípios do prazer e da fertilidade, e pela proximidade afetivo-corporal. O ego e a consciência se encontram nesse estágio de desenvolvimento à mercê dos impulsos, sensações e reações advindos do mundo do corpo e, como embriões que são, nada sabem de si, operando muito proximamente do inconsciente, assim como todas as outras polaridades do eixo Ego-Self.

A consciência é ao mesmo tempo tragada e orientada pela dimensão corporal instintiva, que oferece o sistema de referência básico para a experiência simbólica humana. Como afirma Whitmont (1990)

“A experiência consciente do mundo, a relação sujeito-objeto, surge primeiro em termos da interação ‘eu’-corpo e ‘eles’-corpo (...). As forças que a criança sente vagamente são CORPOS. Corpos e objetos constelam ou servem de intermediários para aquilo que, de outro modo, é imperscrutável. Até mesmo o adulto altamente civilizado retém a imagética do corpo”.

À medida que o ego se solidifica lenta e gradualmente como complexo consciente, distancia-se cada vez mais do corpo inconsciente, oferecendo-lhe uma oposição. Essa incompatibilidade é fundamentada na experiência básica do poder potencial exercido pelo ego (descoberto na ação voluntária do movimento muscular) sobre sua própria natureza, a qual um dia foi totalmente servil.

O que Freud descrevera como sexualidade infantil (com sua polaridade prazer-ansiedade em termos da reação da criança à experiência do corpo próprio) pode ser conceitualmente

orifícios de ingestão e excreção – que começa a encontrar com seu eu corporal e com o “outro” através deste corpo reconhecido. Essas atividades representam uma primeira centralização arquetípica da libido, ao focalizar a consciência nas expressões corporais das funções instintivas.

A oralidade, como sugar, beber e beijar representa um estágio de dependência que exprime a necessidade básica de sustento, amparo e proteção. A boca é o primeiro órgão de percepção e de aquisição (do alimento e do entendimento), e também de exigência, pois que implica na satisfação contínua das necessidades fisiológicas por parte do meio ambiente, delatando o rompimento da unidade original extática. O fracasso do meio ambiente diante desta eterna requisição cria um sentido de frustração, instaurando a polaridade prazer-dor (ansiedade), justamente a base da identidade do ego como entidade isolada.

Para que haja a construção da consciência, o requisito básico é a sua diferenciação dos conteúdos inconscientes, seguida de uma reintegração. Neste sentido, podemos conceber o sistema psíquico, especialmente a consciência, como um órgão que decompõe, digere e reconstrói os objetos do mundo e do inconsciente, tal qual o faz nosso sistema digestivo corporal.

Na criança, o baixo nível egóico é associado a uma alta integração da personalidade, o que implica numa vivência predominante da polaridade prazerosa. Seu amadurecimento está vinculado a uma diminuição dessa integração e a uma crescente tensão psíquica gerada pelo conflito entre as experiências do ego e as do sistema inconsciente autônomo. Por conta da dificuldade do ego em lidar simultaneamente com as polaridades de um mesmo símbolo, Byington atribuiu à fase matriarcal um padrão binário, em que cada pólo é vivenciado alternadamente.

A psicanálise depreendeu disso que o ego é formado principalmente pelo resultado do conflito entre as pulsões e as exigências sociais, sendo portanto estruturado por *defesas* que se inscrevem no corpo como “estruturas de caráter” (conforme denominação de Reich relativa às couraças musculares).

Em contraposição a essa concepção, o conceito de DEINTEGRAÇÃO trazido por Michael Fordham nos faz compreender que o EGO É FORMADO CRIATIVAMENTE pelo inconsciente, uma vez que a forma é necessária para a manifestação, trazendo tanto possibilidades quanto limitações. Ele é fruto da atividade criativa e coordenadora do Arquétipo Central, sendo equipado com uma sabedoria genética para aproveitar todas as situações da vida, prazerosas ou frustrantes, e estabelecer a partir delas o centro da consciência. Esse processo permite a formação contínua dessa consciência, do eu e da identidade.

É um erro acreditar que esse dinamismo tem de ser totalmente ultrapassado; a humanidade, na figura de cada homem, tem que libertar-se desse princípio a fim de alcançar o estágio seguinte, porém não reprimi-lo a ponto de atribuir-lhe uma conotação pejorativa como algo prescindível à maturidade, pois antes de tudo, ele faz parte de um ciclo arquetípico inesgotável.

A dimensão do corpo, predominante no dinamismo matriarcal, tem sido freqüentemente identificada com a patologia, uma conseqüência óbvia da repressão do princípio matriarcal em nossa cultura. Byington (1983) que conjuga os atributos de médico e psicoterapeuta, nos traz um alerta:

“Geralmente as pessoas se acreditam doentes quando seu corpo expressa algo simbolicamente, pois nosso dinamismo matriarcal tem sido tradicionalmente ridicularizado defensivamente, reprimido e identificado com a histeria. Nossa tradição médica está tão intensamente patriarcalizada que costuma desconsiderar qualquer dinamismo matriarcal e por isso desconhece, às vezes integralmente, a capacidade expressiva simbólica do corpo. Assim sendo, no caso de uma palpitação, uma dor de cabeça, parestesia ou cólica visceral, o médico costuma pesquisar componentes orgânicos do sintoma. Quando os encontra, geralmente reduz a eles o sintoma sem considerar nele qualquer componente simbólico. Quando não encontra nenhum componente orgânico no sintoma, rotula-o, sem mais, de histeria, síndrome conversiva ou somatização, enviando o paciente para um psicólogo ou psiquiatra. Isso atesta a incapacidade do clínico de ouvir os símbolos com predominância corporal que estruturam a consciência”.

O matriarcado não tem a coerência lógica patriarcal, porém expressa-se com esplendor através da intuição – função da consciência que apreende a realidade através do inconsciente – traduzindo como nenhum outro as necessidades e Designações da Totalidade e servindo-se para isso da fé, da exuberância e da sensualidade.

3. DINAMISMO PATRIARCAL

“Dizem que o que todos buscamos é um significado para a vida. Creio que o que buscamos é uma experiência de estar vivos” Campbell

A cisão do estado de plenitude original inicia-se na primeira fase do desenvolvimento da vida, a partir de um desejo de realização do Self que concebe, para tanto, um ego com capacidade para a identidade, a consciência e a vontade.

A formação do ego volta-se então para o mundo, tendo-o como referência e como meta, destinando-se a desenvolver e organizar uma personalidade individualizada e adaptada às realidades intra e inter-psíquicas.

A gradual separação do inconsciente e a conseqüente autonomia do ego é sentida pelo infante como uma ruptura da ordem natural, não só pela inércia oferecida pelo inconsciente em diferenciar-se, mas também pelo crescente nível de conflitos e tensões com que o ego começa a se deparar. Esse momento crítico é representado mitologicamente como a luta do Herói contra o dragão na tentativa de sair do estado de entranhamento com a “Mãe Terrível”. Nessa luta, o filho dos Pais Primordiais deve provar sua natureza heróica, transformando-se de algo criado e impotente em um ser potente e criador. Por isso ele é duas vezes nascido.

Em oposição ao estado de indiferenciação considerado feminino (numa alusão ao ventre materno da gestação física) o desenvolvimento da consciência e da racionalidade é geralmente representado como uma figura masculina (mesmo na mulher). Dessa forma, os símbolos masculino e feminino se inscreveram na psique arquetípica como pertinentes à estrutura dos opostos consciente-inconsciente.

Ao feminino é associada a terra, o corpo, as trevas e a indiferenciação; ao masculino é atribuído o céu, o espírito, a luz e o discernimento. Como a consciência e o ego sempre se experimentaram masculinos, o mundo terreno, “inferior”, da Grande Mãe lhes é alheio, enquanto que o céu, personificado mais tarde pelo Grande Pai, torna-se seu íntimo

O lema patriarcal “para longe do inconsciente” ajudou sobremaneira o homem filo e ontogenético a progredir em sua auto-construção porém, provavelmente a fim de excluir do seu universo conteúdos potencialmente perigosos, o ego, como representante do Pai, mais do que buscar sua libertação, gerou uma repressão do princípio matriarcal traduzida, em muitos elementos da nossa cultura, pelo lema “para longe do feminino”.

Um dos grandes danos que sofremos em consequência disso foi a restrição feita pelo cristianismo à imagem divina máxima, posta como exclusivamente paterna, reforçando e legitimando a dominação patriarcal vigente entre gregos e hebreus. Subnutridos pela dimensão feminina desde o berço religioso, origem primeira da ciência e do modo de pensar corrente, nossa cultura se tornou carente de uma compreensão mística profunda da TERRA-GAIA, conectada aos seus ciclos e aos do universo, e do nosso CORPO-TEMPLO – portadores do Mistério Vivente.

Vistas por esse ângulo,

“As culturas da civilização ocidental são como os filhos de uma família abalada por um terrível divórcio; vivem agora apenas com o pai, e estão proibidos de mencionar o nome da mãe ou de lembrar das épocas cálidas e alegres em que viveram sob seus braços. Tendo apenas o pai a nos orientar, nós, a despeito do seu amor, tornamo-nos endurecidos, implacavelmente heróicos e severamente puritanos ao tentar esquecer a segurança perdida e a confiança sensual na terra que outrora a Mãe nos proporcionara” (Woolger, 1994)

Um triste retrato desse feminino reprimido, tornado, pelo tempo cativo, inferior em sua expressão e alheio ao seu próprio poder, é a imagem de mulheres que se colocam semi-nuas em propagandas diversas como objetos, ao lado de outros objetos a serem vendidos e desejos a serem incitados; recuperar o divino em nossos próprios corpos (já que são o que há de mais característico do Ser Feminino) pode ser o primeiro e mais básico passo a ser dado no desenvolvimento de uma consciência integral do FEMININO (derivado do latim: FÊMINA = característico de mulher).

De qualquer forma, a tensão gerada pela discriminação dos opostos é necessária para a atividade e o desenvolvimento da consciência. Esse é um dos grandes paradoxos da vida psíquica: por um lado, a totalidade psíquica requer e exige a realização parcial através do ego, mas uma vez realizada, ela requisita (geralmente na segunda metade da vida através de uma oposição compensatória) a tomada de consciência do Todo potencial, inconsciente e original.

“O conflito consigo mesmo parece ser um elemento constante e inevitável do funcionamento da vida, talvez o mais básico. Todo o nosso padrão de desenvolvimento é estruturado de tal maneira que o conflito com aquilo que uma vez foi estabelecido e sua dissolução são inevitáveis (...). Em vista da necessária transformação-em-conflito, podemos encarar as experiências da infância que distorcem ou traumatizam (e cujos resultados temos de batalhar para superar em nossa vida posterior) não apenas como incidentes patológicos e assim talvez evitáveis, mas também como os aspectos inevitáveis sobre os quais uma personalidade inicialmente se estrutura, o primeiro ato de um jogo dramático que é a vida” (Whitmont, 1990).

A experiência do conflito e a experiência da culpa são quase idênticas; todos nós reagimos à tensão conflituosa com culpa. Arquetipicamente isto é vivenciado pelo fato de que a estrutura do ego se desenvolveu através de um estranhamento em relação à totalidade original do Self, o que é mitologicamente representado pela perda do paraíso ou pela separação entre o homem e Deus.

A culpa original ou “queda do paraíso” é vivenciada pelo fim da situação paradisíaca e pelo sentimento existencial da solidão, necessariamente ligado a um ego consciente de sua existência própria. Juntamente com a solidão, surgem o sofrimento, o mal, a doença, a morte, na medida em que são PERCEBIDOS pelo ego. A consciência do ego, à medida que se diferencia e se torna mais autônoma, sente cada vez mais fortemente a sua pequenez e impotência diante de um grande Todo Desconhecido do qual se sente alheio.

Esse ato de reconhecer-se como separado do mundo exterior, interpretado como pecado, rebelião, desobediência é, na verdade, um ato libertador; não é uma perda passiva, mas uma tarefa ativamente destrutiva, relacionada, em termos simbólicos, à fase anal-sádica da experiência de identidade denominada por Freud, uma vez que estabelece a auto-afirmação baseada na agressividade e na função excretora; a identidade é vivenciada no esforço de um pressionamento e um impulsionamento deliberado que transforma a atividade intestinal na própria realização pessoal; um impulso é vivenciado “de dentro”, e pode ser enfatizado ou desenfocado por escolha própria. É a primeira vez que algo depende unicamente da criança, o que a possibilita exercitar a vontade. A analidade representa, assim, afirmação da existência, poder, controle sobre a mãe, sobre o mundo-“outro” e sobre si. Realiza o princípio Yang não apenas em seu aspecto marcial combativo/destrutivo, mas também na necessária disciplina auto-gerada.

A capacidade de dizer “não” também é um ato separatista (aos nossos impulsos, a nós mesmos e aos outros) e está assentado tanto na capacidade “anal” de auto-expressão e esforço quanto na observância – e desobediência – dos tabus e restrições sociais.

Quanto mais o ego se consuma como sujeito de escolhas e decisões, tanto maior é a sua força. Nesse momento inicial (do qual, aliás, muitos nunca se retiram), o ego tem a ilusão de possuir liberdade de escolha – e precisa disso, para fortalecer-se no uso de seu próprio poder disponível. Mas o que vemos é que os temas e os padrões de escolha não são inventados pelo ego, e sim estruturados tanto pela realização de predisposições arquetípicas, quanto pelos valores provenientes da família e cultura, aos quais a criança deseja se adaptar em troca de ser aceita e amada.

Os padrões dos pais são incorporados pelo ego, bem como as expectativas que têm ao nosso respeito. A educação que nos é oferecida oferece limites à auto-expressão e ao livre fluir das pulsões e instintos (portanto da energia vital) canalizados para que atinjam centros mais elevados de consciência. O ego deve aprender a direcionar sua energia para um objetivo específico, o que é feito

estruturada baseando-se no controle e na repressão de ímpetos instintivos e nas obtenções externas de aprovação (construção da persona). O “eu” cresce aprendendo auto-rejeição, resistindo às gratificações do instinto e estabelecendo uma adaptação “adequada” às exigências coletivas. Quaisquer características ou inclinações individuais *a priori* do Self que não sejam pertinentes a esse padrão de comportamento externo, são separadas da imagem consciente que o ego tem de si.

Todas as frustrações e rejeições, o modo como os pais apoiam ou não nossa auto-expressão, bem como todos os eventos emocionalmente significativos do nosso desenvolvimento vão sendo registrados no nosso corpo através de uma memória muscular, que estabelece estratégias ou modos habituais de estar e mover-se no mundo, padrões de movimentos, gestos, posturas e expressões constituintes das couraças musculares de caráter.

O sistema do ego implica num sentido de continuidade de corpo e mente em relação a espaço, tempo e causalidade, baseado nas funções da memória e da lógica, cada vez mais desenvolvida à medida que a criança afasta-se de seu corpo literal/instintivo e conquista a dimensão simbólica; o ego constitui-se numa unidade que resiste ao fluxo de mudança, em oposição ao inconsciente, que permanece em contínua mutação. A consciência vai sendo formada por um agrupamento gradual de fragmentos, de uma forma bastante intensa nos primeiros anos de vida, quando o ego infantil está ávido por sentidos e referências que o ajudem a adaptar-se a este mundo. Crenças e padrões culturais vão nos tornando ADULTOS-ADÚLTEROS: diferentes de nós mesmos, criando-nos automatismos que usamos, desavisados, no perceber e no reagir ao mundo.

O processo de agregação por meio do qual o ego é formado vai se lentificando até quando, por volta da puberdade, a identidade do eu está mais consolidada, menos plástica e menos receptiva a conteúdos da esfera inconsciente.

Após a desintegração da totalidade do Self, o que se dá portanto é a separação entre Persona, Ego e Sombra, como elementos distintos da psique, estando o ego amplamente identificado com a persona, e a sombra como constituinte do inconsciente pessoal.

A elaboração discriminadora e hierarquizante dos símbolos coordenada pelo arquétipo do Pai não se faz sem um grande esforço estruturante de sublimação – ou seja, fez-se necessário transcender a vida natural, representada pelo corpo, que vai se transformando em nossa sombra.

O corpo vai acolhendo – e expressando – todo o conteúdo reprimido pelo ego, não reconhecido à luz da consciência; descrevendo toda a história de como nossa energia vital e criativa se torna contida e limitada e reservando toda a potencialidade execrada e assim, o nosso devir.

O que não podemos perder de vista é que, ao desenvolver o que Freud e Reich designaram como “sintomas neuróticos”, o homem se torna um ser real, escrevendo sua biografia no livro de sua vida – seu corpo; ele está dando um passo em direção à sua própria diferenciação, portanto, um passo em direção à sua saúde psíquica.

CAPÍTULO II – IIª PARTE

1. O DINAMISMO DA ALTERIDADE

“Um Encontro entre dois:
olho no olho,
cara a cara.

E quando estiveres próximo
tomarei teus olhos
e os colocarei no lugar dos meus
e tu tomarás meus olhos
e os colocará no lugar dos teus,
então te olharei com teus olhos
e tu me olharás com os meus
Assim nosso silêncio se serve
até das coisas mais comuns
e nosso Encontro é meta livre”
(Encontro, J.L. MORENO)

O dinamismo parental forneceu ao ego uma identidade através da qual se diferencia relativamente do mundo externo e encontra sua função social. Devido à capacidade de organização da consciência, da racionalidade e do exercício da vontade, o ego adquire uma separação considerável do inconsciente que o permite conviver com ambos os pólos de uma mesma situação-símbolo e a consciência começa, a partir daí, a sofrer os impactos dos arquétipos da anima e do animus.

O processo de nascimento e desenvolvimento da personalidade elaborado por Neumann termina aqui, e sua teoria como que se acopla à teoria do processo de individuação descrito por Jung.

Ao perceber a consciência sempre atuante através de padrões arquetípicos e orientada, por meio dos símbolos estruturantes, pelos processos inconscientes do Self do início ao fim da vida, Byington elaborou mais dois ciclos arquetípicos que complementam o Desenvolvimento Simbólico da Personalidade, abrangendo as duas grandes fases da vida: a estruturação do Ego – onde o ego tenta se libertar do inconsciente coletivo -, e o processo de individuação a partir da inter-relação do ego com os arquétipos – onde o ego tenta se libertar do consciente coletivo.

Assim o início do processo de individuação descrito por Jung e disparado pela necessidade do encontro dialético do Ego com a Sombra, faz parte do padrão mítico pós-patriarcal da Alteridade. No dinamismo Materno o ego não confronta com a sombra porque ele próprio mal descortinou sua luz; no dinamismo Patriarcal a sombra é construída de uma forma repressiva para que o ego possa ganhar contorno e limite; somente no dinamismo da Alteridade, regido pelos arquétipos da Anima, do Animus e da Coniunctio, é que o ego estará capacitado a confrontar sua sombra e buscar uma diferenciação enraizada no Todo.

O germen dessa etapa está na experiência do encontro vivenciada pelo bebê que sorri ao reconhecer um objeto exterior, marco da separação entre consciente e inconsciente; a alegria do encontro equilibra e complementa a dor da separação, trazendo ao nosso convívio as duas qualidades de energias básicas: Yang divisor e Yin conectivo.

Dessas qualidades se desdobra a trajetória humana, sintetizada na perda e no restabelecimento da Unidade (conscientemente).

A atividade corporal através da qual o ego desenvolve esse embrião da alteridade é a genital. A masturbação ainda é uma atividade narcisista auto-centrada, em que o corpo assume o lugar do “outro”, mas prepara o ser para o Encontro, desde quando o simbolismo sexual é equivalente ao simbolismo do relacionamento.

A alteridade é concretizada por sua capacidade criativa face ao confronto dos opostos, pois sua maior virtude é a possibilidade de manter a identidade e a coerência, uma vez que começa a vivenciar o centro ou Eixo da relação Ego-Self, enquanto a vida se desenvolve com toda Luz e toda Sombra.

Essa virtude lhe permite a REFLEXÃO, isto é, a possibilidade de curvar-se sobre si mesmo (enquanto ser constituído e temporal) e espelhar ou revelar os padrões parentais incorporados e repetidos, para que possam ser transcendidos.

Compreende-se porque as fases parentais e a Alteridade estão separados pela crise normal da Adolescência, vivenciada arquetipicamente como a morte mitológica ou a desidealização do casal parental. Uma das grandes funções dos arquétipos da anima e do animus é, junto com o arquétipo do Herói, diferenciar o ego dos padrões parentais, resgatando as polaridades unilaterais que passaram a funcionar na sombra normal ou patológica.

O disparador desse processo é a maturação das glândulas sexuais e o impulso trazido pelo corpo sexuado para a união com sua contraparte, estimulado ou fortalecido pelo convívio em grupos ou bandos, tão comuns entre os adolescentes.

Dessa forma, o ego pode não só vivenciar-se como uma pessoa psicológica concreta, mas também medir sua vontade e esforços diante de uma realidade concreta. E o único lugar possível de se encontrar a Sombra, o Animus ou a Anima (ou seja, as partes de si sobre as quais o

ser não se encontra consciente) é em outra pessoa (pois já descobriu que não é apenas seu corpo, mas não descobriu que também não é apenas o seu ego).

As influências corretivas das unilateralidades do ego constituído ocorrem, pois, por meio de projeções, e as atrações e aversões apresentam-se como os primeiros problemas externos diante da necessidade de relacionamento.

O confronto com o mundo exterior – a necessidade de estabelecer um relacionamento adequado com a sociedade, o trabalho, a família e os amigos – é agora a prioridade maior (ainda que relacionamentos verdadeiros requeiram uma consciência mais plena de si e de sua sombra, para que não seja distorcida a visão que temos do “outro” pelas nossas projeções, sendo portanto alcançados essencialmente na segunda metade da vida).

No período médio da vida, o sentido numinoso tende a esmaecer e o ego, com sua racionalidade e controle consciente da vontade, tende a ser dominante, já que considera-se a única fonte de poder.

Nosso corpo funciona, à essa altura, através de padrões bem definidos – tanto de movimentos (o modo como o usamos durante as atividades diárias) quanto de distribuição de tensões (como quando respiramos ou expressamos nossas emoções). Palavras, ordens e conceitos se põem encarcerados dentro de nós, corporificados em crenças de limites, mais do que limites reais.

As exigências opositoras do Self aparecem em forma de um convite ao Herói para uma nova aventura, nos dizendo que a vida É MAIOR DO QUE O QUE ESTAMOS VIVENDO. Essas exigências nos empurram para que possamos nos constituir naquilo a que estávamos “destinados” a ser. Conforme Jung (apud Whitmont, 1990)

“como uma totalidade, o Self é sempre, por definição, um *complexio oppositorum* e, quanto mais o consciente insiste em sua natureza luminosa e reivindica autoridade moral, mais o Self aparecerá como algo escuro e ameaçador”.

O empuxo do Self para rearranjar o padrão estabelecido pelo ego é certamente perturbador e pode vir de diversas formas, como uma depressão, uma perda ou uma doença. Como quer ser atendido, ele penetra no profundo ser do indivíduo e aí permanece até ser realizado pelo Herói (alguém que OUVI o “chamado da Aventura” e o SEGUE) ou até ser destruído pela pessoa que não segue os ditames do coração.

O chamado esbarra com a resistência em abandonar o padrão velho, a antiga ordem, e este é um dos dragões que o herói vai se confrontar no seu caminho: sua própria identidade egóica. Por isso o Self se alia com o padrão inferiorizado e sombrio para quebrar o quadro sinérgico de forças presentes. E o corpo, enquanto sombra, é muitas vezes o seu arauto.

O corpo vela – ou revela – o que rejeitamos, o que não ousamos ou o que não sabemos. Ao viver intensa e conscientemente a realidade do corpo, poderemos compreender as mensagens

A palavra não pode expressar sozinha todo o material potencialmente reservado ao longo dos anos – mas o corpo estimulado pode desenvolver e mostrar no espaço as partes adormecidas e a face oculta da nossa personalidade. A dimensão corporal pode nos ajudar a transformar velhos padrões, desde quando intervir sobre a estrutura física equivale a atuar sobre todos os dinamismos psicológicos a ela subjacentes.

Liberar os conteúdos emocionais registrados na memória corporal nos dá a possibilidade de reelaborar esses registros – pois o passado criou o presente, mas o presente reorganiza o passado: neuroticamente ou criativamente.

TRABALHANDO O CORPO NA ALTERIDADE

O dinamismo corporal pode ocupar um lugar de destaque no Ciclo de Alteridade, principalmente se compreendermos o corpo de uma forma simbólica.

O movimento é a resposta conferida pelo organismo (psico-físico) a um estímulo interno ou externo. Qualquer mudança cinética ou estrutural que ocorra no corpo como um todo, ou em uma de suas partes, influencia no funcionamento e na expressão do indivíduo, constituído a partir da interdependência dos seus sistemas.

Ao trabalhar com a capacidade humana de se mover e deslocar no espaço, temos a rica possibilidade de trazer consciência para os padrões subjacentes de movimento e de tensão, o que nos auxilia tanto de forma diagnóstica quanto terapêutica, pois nos leva a desenvolver criativamente novas variações de padrões e movimentos.

O movimento orgânico usa todas as possibilidades existentes de energia (emocional, nervosa, muscular, gravitacional, pranica...) e quando encontra um ritmo, integra também as polaridades de inércia ou repouso e de ação continuada – o que é denominado pelo Taoísmo como o Caminho do Meio.

Caminho do Meio não é meio do caminho, mas a possibilidade de fluir livremente entre as polaridades de acordo com as necessidades do momento. É, portanto, a FLEXIBILIDADE da ALTERIDADE.

Um excelente exemplo de relacionamento em alteridade com o corpo é o Tai Chi Chuan, uma arte marcial chinesa derivada da observação da natureza e dos movimentos dos animais; fundamentada pela milenar filosofia taoista, tem o propósito de restaurar a integridade do ser, nos ensinando a conhecer e a canalizar a força que possuímos. É uma síntese entre os caminhos do corpo, da mente e do espírito, sendo ao mesmo tempo uma ciência, uma luta e uma arte.

A Psicologia Profunda e o Tai Chi Chuan nos relembram que os opostos se acham intimamente conectados e que a vida é um movimento constante e contínuo.

taoismo, tudo o que é manifesto é constituído, em diferentes proporções, por dois princípios ou qualidades de energia: Yin e Yang. Se dissociamos estes princípios dentro de nós, criamos uma desarmonia psico-físico-energética e, conseqüentemente, relacional.

No intuito de tornar-nos vigilantes quanto à necessidade de restabelecer o equilíbrio interno e externo, o Tai Chi Chuan oferece uma meditação dinâmica, através de movimentos efetuados com ciclos respiratórios lentos e adequadamente concatenados.

A respiração contém em si a dualidade (inspiração/expiração; expansão/contração; introversão/extroversão...) e a unidade ou síntese que é o movimento ou dança criada entre o par de opostos. Daí derivamos um significado possível para a palavra Tai Chi: suprema dança ou equilíbrio entre opostos, fonte das energias Yin e Yang em movimento, sendo então Tai Chi Chuan (chuan = forma) a aplicação no corpo-mente dos princípios do Tai Chi.

A respiração, o movimento e a consciência são três elementos de uma única realidade e realizá-los atenta e corretamente produz um excelente efeito terapêutico.

O Tai Chi em sua qualidade Yang se expressa através da Auto-vigilância do guerreiro (posto que é uma arte-MARCIAL) e nos leva a focalizar a atenção e percepção em cada parte do corpo, e ao corpo como um todo, simultaneamente, em movimento. Isso ajuda-nos a redistribuir a tensão nervosa do corpo, levando mais tônus a áreas adormecidas e promovendo relaxamento e afrouxamento de couraças em áreas enrijecidas. Por vezes dores, lágrimas, fúrias e ansiedades pertinentes à história do indivíduo e registradas na musculatura inconscientemente contraída, são descondicionadas de nosso corpo em um momento de catarse. As defesas tradicionais do ego se desorganizam, possibilitando-nos “OUVIR” a expressão de outros níveis de consciência e atender, como Heróis, ao chamado para a Aventura.

Um dos intentos do Tai Chi é reconectar a região do corpo e do inconsciente – telúrica – aos processos conscientes e volitivos – celestes –, uma vez que a saída da uroboros materna nos trouxe a ilusão de separação. Isso é expresso através do princípio do Eixo Céu-Terra a ser mantido por nossa coluna sempre ereta, lembrando-nos também de nossa missão, enquanto Seres Humanos, de estabelecer um canal de ligação entre a natureza e o espírito, os animais e os Deuses.

O Tai Chi em sua qualidade Yin se manifesta através do movimento expressivo, vital e criativo do corpo humano como uma unidade (posto que é uma ARTE-marcial). Significa sair dos antagonismos de conduta e DES-ENVOLVER-se através do processo meditativo de vivenciar, com inteireza, o momento presente, a vida presentificada no aqui e agora.

Um estímulo sensorial não chega a ser uma experiência vivida, com todo o seu potencial transformador, se não nos assentamos na realidade corporal, de forma “desperta”; para nos apropriarmos das experiências e tornarmo-nos mais integrais, é preciso apropriarmo-nos primeiro do nosso próprio corpo.

As Danças Sagradas são outro Caminho possível de trabalhar o corpo dentro do ciclo de Alteridade; elas não “apenas” nos requisitam toda a disciplina e exuberância do Tai Chi, como nos trazem mais um desafio: coordena-las conjuntamente com outros seres que também afinam seus próprios instrumentos, na busca de um equilíbrio interativo.

Dançar é uma forma de integrar corpo, movimento, expressão, pensamento e sentimento, e de comungar com outros seres no tempo e no espaço a harmonia, o ritmo e a fluência. Como fonte de conhecimento, coloca-nos em contato com uma linguagem proveniente do instrumento mais básico e essencial que o homem tem para a manifestação do seu Si Mesmo, sua cultura e história: seu Corpo, Templo Vivo do Espírito Santo. Assim, a Dança é a única arte que não depende de nenhum elemento intermediário para concretizar-se: o ser humano dançante é ao mesmo tempo criador e criação.

"Danças Sagradas" é a denominação atribuída pelo alemão Bernhard Wosien à pesquisa e coletânea por ele feita das danças tradicionais de povos e culturas de diversas partes do mundo; o que todas têm em comum é o fato de serem fruto da necessidade de expressão do homem, e o que as diferencia das Danças Folclóricas é a *consciência* com que dançamos: em círculo, de mãos dadas, reconhecemos e honramos, em alteridade, a particularidade de cada ser, metaforizada pelos diferentes lugares ocupados pelos componentes, que juntos se utilizam da diferença pra fazer um todo harmônico maior que si mesmos. Esse todo é expresso pela perfeição do círculo, sem princípio nem fim, e regido pelo padrão do centro, do qual todos estão equidistantes.

Por isso quando nos unimos em um círculo já estamos num espaço sagrado, símbolo da união de toda a vida.

Dentro dele, os diversos deslocamentos, formas e atitudes vão nos mostrar as diferentes formas de manifestações da vida, conectadas ao princípio criativo.

Enquanto o Tai Chi enfatiza os aspectos individuais, as Danças enfatizam os aspectos grupais, promovendo senso de união e integração, dissolução de fronteiras, cooperação e universalização da comunicação através do movimento.

As mãos unidas estabelecem uma corrente – de energia VIVA – e essa é a *dimensão Humana*. Quando percorremos a terra com nossos pés, criando uma verdadeira MANDALA em movimento, geramos a *dimensão terrestre*. A *dimensão Celestial* pode ser encontrada a nível do nosso olhar, uma vez que a luz dos nossos olhos representa a energia da vida que pulsa dentro de nós; a informação trocada através do olhar no intercurso da Dança é uma verdadeira forma de oração, pois reconhecemos no nosso íntimo quem É cada um, que EU sou o OUTRO e que todos somos UM em Deus.

De uma forma bela e harmoniosa, as Danças Sagradas também buscam e promovem, portanto, o eixo terra-céu, Ego-Self, tendo a dimensão humana como mediadora.

Estamos acostumados (quando muito) a nos utilizar do corpo para uma expressão estritamente pessoal (de mim para um outro “interlocutor”); as Danças nos ensinam, através da possibilidade de criar um espaço vazio/fértil interior, a utilizar nosso corpo para uma comunicação direta com o Grande Mistério, numa oração sem palavras.

Dançando estamos ampliando nosso referencial ou padrão de comunicação corporal gestual e cinético. Sem pronunciarmos uma palavra, mas pelos simples sentimentos evocados pelo corpo em movimento, fazemos brotar de dentro novas informações (proprioceptivas e exteroceptivas), encontrando respostas novas a antigas questões, ou mesmo criando novas perguntas para antigas situações isto é: problematizando-as a partir de um novo referencial. O ponto chave é que, propiciando estímulos não habituais à nossa estrutura psicofísica, não encontramos respostas previamente organizadas nos nossos “arquivos-padrões”, o que cria uma condição favorável para uma nova reorganização. Tais estímulos favorecem uma espécie de afrouxamento gradativo de tensões habituais, criando-se assim um campo propício para uma renovada e espontânea expressão.

Servimo-nos também da música como elemento conectivo. A música, tanto quanto a Dança, contém em si o Caminho do Meio; por um lado podem ser, dança e música, compreendidas como uma objetivação do Espírito, já que se expressam de forma lógico-intelectual, podemos até dizer matemática, com regularidade, ritmo e ordem. Por outro lado, traduzem o elemento extático e sensual da natureza, levando-nos em seu fulgor a lugares escusos à consciência, cujos conteúdos não podem praticamente ser concebidos com palavras, tamanho entranhamento e visceralidade.

Esses fatos paradoxais nos mostram como a Música e a Dança têm condições de permitir o acesso a profundezas onde o Espírito e a Natureza são AINDA ou NOVAMENTE UM, se constituindo nos modos mais antigos de trazer a atenção para o aqui/agora único e impermanente.

Através desse processo, vão sendo introduzidas modificações no estilo de vida que nos aproximam de um conceito filosófico e prático de viver, mais integralmente conectados com nossa Ordem Pessoal.

2. DINAMISMO CÓSMICO

“EU SOU
E o ser não cabe em nenhuma imagem
Porque transcende todas”
Anthony de Mello

Como última fase do processo de individuação, o ciclo cósmico permite ao ego o relacionamento direto com o Arquétipo Central, num movimento que transcende as polaridades e retorna ao padrão Unitário – ATRAVÉS da consciência, e não da indiferenciação, como outrora se encontrara.

O padrão Unitário é caracterizado, portanto, pela alta distinção e autonomia do Ego, alcançadas através da estruturação dos dinamismos anteriores, que permitem-no perceber a grandiosidade do Self sem se desintegrar, porque se constitui, ele mesmo, uma entidade numinosa.

O ego encontrou o justo termo da Humildade (do latim: Humus, que significa terra) – uma interessante associação com a idéia de ter os pés no chão, firmemente fincados na realidade, e conhecer seu exato tamanho: nem maior (inflado) e nem menor (desintegrado).

Através da CONTEMPLAÇÃO podemos captar a conexão entre tudo o que existe, como uma Totalidade Única em constante transformação. A função compensatória do inconsciente e do Self produz cada vez mais símbolos transcendentais, como a Eternidade, o Infinito, a Luz, o Nada, o Universo, e neste momento nos conscientizamos de que tudo o que é efêmero é apenas um símbolo, representante de um mistério intangível. Como expressou Lao-tsé (1978):

“O TAO que pode ser pronunciado não é o TAO eterno.
O nome que pode ser proferido
não é o Nome eterno.
Ao princípio do Céu e da Terra
chamo ‘Não-Ser’.
À mãe dos seres individuais
chamo ‘Ser’.
Dirigir-se para o ‘Não-Ser’ leva
à contemplação da maravilhosa Essência;
Dirigir-se para o ‘Ser’ leva
à contemplação das limitações espaciais.
Pela origem, ambos são uma coisa só”.

A força e o propósito da Vida não estão mais investidas em nós; elas se dirigem para algo que está além da nossa identidade ou do mundo dos objetos e, assim como nos prepararam para VIVER até a primeira metade do percurso, agora nos preparam para MORRER – para fazer o sacrifício do corpo físico, que aos poucos se deteriora.

Nosso corpo carnal é o símbolo da finitude e através dele a existência nos ajuda a vivenciar uma relação direta com o Corpo Cósmico, ou a dimensão infinita dentro de nós.

Num esforço de adaptação, precisamos abdicar de todos os valores que viemos diligentemente cultivando ao longo de nossa história, para encontrarmos um sentido mais abrangente e mesmo religioso (enquanto RELIGARE) para a nossa vida.

O Ego, frente à essa tarefa, não deve renunciar ao controle, pois foi criado para administrar conflitos e é o que tem de fazer diante do paradoxo de ser limitado e relativamente impotente perante a dimensão transpessoal, e ao mesmo tempo conferir-lhe sentido e significado ao ser um SER QUE A CONTEMPLA, porque dela se destaca.

O confronto com opostos aparentemente irreconciliáveis que a vida nos presenteia, tem o mesmo propósito dos KOANS (perguntas Zen indecifráveis), que é o de levar-nos de volta à Unidade: eles intensificam a divisão interior de tal forma que os esforços do ego e da vontade, insuficientes, são transcendidos, e a resposta aparece com que num SAMADHI ou ILUMINAÇÃO.

Neste estado, a morte sobrevem não como uma ameaça, mas como uma realização, uma próxima fase temporária:

“Estamos tão convencidos de que a morte é simplesmente o fim de um processo, que em geral não nos ocorre concebê-la como um objetivo e uma realização, como concebemos sem hesitação os objetivos e propósitos da vida jovem em sua ascensão (...). A vida é teleologia *par excellence*; é a luta intrínseca por um objetivo, e o organismo vivo é um sistema de objetivos dirigidos que procuram realizar-se. O fim de todo processo é o seu objetivo. O fluxo de energia é como um corredor que luta com o maior esforço e o máximo dispêndio de energia para alcançar seu objetivo. A juventude que almeja o mundo e a vida, para a realização de grandes esperanças e objetivos distantes, é o anseio teleológico óbvio da vida que imediatamente se transformará em temor da vida, em resistências neuróticas, depressões e fobias, se em algum ponto permanecer agarrado ao passado, ou se evitar os riscos sem os quais o objetivo despercebido não pode ser atingido. Com a chegada à maturidade, no zênite da

a vida agora empreende a descida; isso porque o objetivo já não reside mais no ápice, mas no vale de onde a ascensão iniciou. A curva da vida é como a parábola de um projétil que, ao ser perturbado em seu estado inicial de inércia, sobe e depois volta a um estado de repouso.

A curva psicológica da vida, no entanto, recusa-se a entrar em conformidade com essa lei da natureza. As vezes, a falta de harmonia inicia-se logo na ascensão. O projétil ascende biologicamente, mas psicologicamente se retarda. Perambulamos atrás dos anos, acariciando nossa infância como se não pudéssemos nos separar dela. Fazemos parar os ponteiros do relógio e imaginamos que o tempo ficará parado. Quando, depois de um certo atraso, alcançamos finalmente o topo, mais uma vez nos fixamos psicologicamente para descansar e, embora possamos nos ver escorregar do outro lado, agarramo-nos (mesmo que apenas com olhares saudosos do passado) ao cume que uma vez foi alcançado. Assim como, anteriormente, o medo era um estorvo para a vida, agora ele se interpõe no caminho da morte (...). Da metade da vida em diante, só permanece fundamentalmente vivo aquele que está pronto a MORRER COM A VIDA. Isso porque, na hora secreta do meio-dia da vida, a parábola é invertida e é a morte que nasce. A segunda metade da vida não significa ascensão, desdobramento, crescimento, exuberância, e sim morte, já que o FIM é seu OBJETIVO. A negação da vida é sinônimo de recusa em aceitar seu fim” (JUNG apud WHITMONT, 1990).

A presença mais nítida da finitude do processo encurrala a psique para um imenso ritual de passagem inerente ao ciclo Cósmico: desapegados do que passou, podemos aprender a vivenciar integralmente a vida presente, como se cada momento vivido fosse o último e ao mesmo tempo infinito...

A verdadeira realização que minha alma carrega consigo ao longo da eternidade não é a passageira e temporal, fruto dos títulos e bens construídos, mas a qualidade essencial exercida e incorporada durante a construção do que foi passageiro. Se o essencial não for incorporado, a vida é desperdiçada. Concordamos, pois, com o poeta Pessoa ao dizer que “tudo vale à pena, SE A ALMA NÃO É PEQUENA!”.

CONCLUSÃO:

A estruturação da personalidade humana requer que os conteúdos transpessoais sejam experimentados como conteúdos da Psique – o que é possível por intermédio do Símbolo e de sua função aglutinadora de energia.

Qualquer coisa pode se tornar um símbolo, se nos abirmos para vivenciar de forma profunda as suas ligações com o todo. Tradicionalmente, entretanto, a psicologia identifica a dimensão psíquica com elementos IDEATIVOS e EMOCIONAIS; o CORPO se constitui um tabu e a SOCIEDADE e a NATUREZA representam muitas vezes uma digressão do seu objeto de estudo.

Perante a Psicologia Simbólica isso não se justifica, pois para sua compreensão ela busca agrupar, à volta do eixo psíquico, todas as manifestações existenciais que dão origem aos símbolos. Assim Corpo, Idéias e Emoções, Sociedade e Natureza são caminhos estruturantes do processo psíquico de transformação e portanto fontes possíveis da realidade simbólica. Nenhuma forma particular deve ser considerada a única capaz de expressar o todo, se queremos compreender com integridade a psique – mas qualquer caminho tomado, que se saiba fração, será pertinente à nossa compreensão

O corpo tem sido descrito na literatura psicanalítica como a fonte ou origem da experiência simbólica, pois o complexo do Ego é formado a partir dos cinco sentidos (ou seja, a consciência ilimitada do Self torna-se restrita às limitações do sistema de referências sensório-perceptivo do corpo físico); mas talvez fosse mais apropriado dizer que o corpo OFERECE O SISTEMA DE REFERÊNCIAS BÁSICO para a experiência simbólica, uma vez que nossa identidade é vivenciada – inicialmente e continuamente – na forma do Esquema corporal, como uma síntese da multiplicidade das partes do corpo e dos diferentes impulsos físicos.

Teorizado comumente a partir de uma, apenas, das suas dimensões simbólicas (aquela ligada à sombra patológica) o corpo oferece, ademais, um rico acréscimo à compreensão do Desenvolvimento Simbólico da Personalidade.

O fortalecimento desse ponto de vista foi a contribuição pretendida com esse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRANDÃO, J. *Mitologia Grega III*. Petrópolis: Vozes, 1997 (7^o edição).
- BYINGTON, C.A.B. *Desenvolvimento da Personalidade*. São Paulo: Ática, 1987.
- BYINGTON, C.A.B. *Desenvolvimento simbólico da personalidade*. *Junguiana, Rev. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. nº1, 1983, pg. 8 a 63.
- JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. D.F. da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 1963.
- _____. *A dinâmica do inconsciente*. Trad. M.R. Rocha. Petrópolis: Vozes, 1984, v. VII (obras completas).
- _____. *O desenvolvimento da personalidade*. Trad. V. Amaral. Petrópolis: Vozes, 1986, v. XVII (obras completas).
- LAO-TZU. *TAO-TE KING*. Texto: R. Wilhelm. Trad. M. Martincic. São Paulo: Pensamento, 1978.
- LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*. Trad. M. Martincic São Paulo: Cultrix, 1990.
- REICH, W. *Análise do Caráter*. Trad. M.L. Branco. Viseu (Portugal): Tipografia Guerra, 1972.
- WHITMONT, E.C. *A busca do Símbolo*. Trad. E.F. Pereira. São Paulo: Cultrix, 1990.
- WOOLGER, J.B. e WOOLGER, R.J. *A Deusa Interior*. Trad. C. Ferrari. São Paulo: Cultrix, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BOADELLA, D. *Nos caminhos de Reich*. Trad. E.RB. Rebelo. São Paulo: Summus, 1985.
- CAMPBELL, J. *O Herói de mil faces*. Trad. A.U. Sobral. São Paulo: Cultrix, pensamento: 1983.
- CAVALCANTI, R. *O Mito de Narciso – herói da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Trad. V.C. Silva, R.S. Ribeiro, L. Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- COHEN, B.B. *Sensing, feeling and action*. Northampton (EUA): Contact Editions, 1993.
- CONGER, J.P. *Jung e Reich*. Trad. M.S.M. Netto. São Paulo: Summus, 1993.
- FARAH, R.M. *Integração Psicofísica*. São Paulo: Cia ilimitada Robe editorial, 1995.
- FEINSTEIN, D. e KRIPPNER, S. *Mitologia Pessoal*. Trad. T.B.Santos. São Paulo: Cultrix, 1994.
- FREUD, S. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Trad. E.^aM. de Souza Rio de Janeiro: Imago,1976,V.XVII (O.C.)
- FUX, MARIA. *Dança-terapia*. Trad. B.A. Cannabrava São Paulo: Summus, 1988.
- GROF, S. e GROF, C. (org.). *Emergência Espiritual*. Trad. A.U. Sobral. São Paulo: Cultrix, 1992.
- JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo e Símbolo*. Trad. M. Martincic. São Paulo: Cultrix, 1991.
- MONTAGU, A. *Tocar*. Trad. M S M. Netto. São Paulo: Summus, 1988.
- PEARSON, C.S. *O despertar do Herói Interior*. Trad. P.C. Oliveira. São Paulo: Pensamento, 1991.
- VISHNIVETZ, B. *Eutonia*. Trad. B.B. Canabrava. São Paulo: Summus, 1995.